

**HORROR NO ORIENTE MÉDIO**

# Embaixador de Israel se explica ao Itamaraty

Daniel Zonshine cobra postura mais incisiva do Brasil em relação à guerra no Oriente Médio

» HENRIQUE LESSA

O Ministério das Relações Exteriores (MRE) chamou o embaixador de Israel no Brasil, Daniel Zonshine, para cobrar explicações sobre as críticas que fez à atuação do governo brasileiro em relação à guerra entre Israel e o Hamas. Na semana passada, o representante diplomático chegou a se reunir, na Câmara dos Deputados, com parlamentares da oposição para pedir apoio àquilo que dissera, uma vez que classificou como “brandas” as manifestações do presidente Luiz Inácio Lula da Silva sobre o conflito no Oriente Médio.

Segundo o MRE, Zonshine foi chamado pelo secretário de África e Oriente Médio, embaixador Carlos Duarte, para o esclarecimento de posições, na quarta-feira. “No contexto do debate público interno sobre a crise no Oriente Médio, foram reiteradas as posições brasileiras no assunto”, informou o Itamaraty.

Apesar de a convocação ser uma demonstração de descontentamento do governo com as declarações do representante israelense, o MRE classificou o procedimento como da praxe diplomática. “Chamadas assim são parte da rotina, sempre que é preciso alguma conversa pessoal para esclarecer posições”, respondeu o Itamaraty ao questionamento do *Correio*.

Na conversa no Itamaraty, Zonshine teria sido cobrado sobre a acusação que fez ao governo brasileiro de que faltaria “empenho” para que os reféns mantidos pelo Hamas fossem resgatados.

Além das reuniões com integrantes da oposição no Congresso, Zonshine envolveu-se, na segunda-feira, em outra polêmica. Ele criticou a postura do PT, partido de Lula, em relação ao Hamas e à situação na Faixa de Gaza. O partido considerou “falsa e maliciosa” a interpretação dada

Alan Santos/PR



Zonshine até se reuniu com parlamentares da oposição para pressionar o governo a se alinhar a Israel



**No contexto do debate público interno sobre a crise no Oriente Médio, foram reiteradas as posições brasileiras no assunto**

**Nota do Itamaraty sobre a convocação do embaixador israelense para explicar as críticas feitas ao governo**

pela embaixada israelense a uma manifestação sobre o tema.

**Vieira no Cairo**

O Brasil enviará o chanceler Mauro Vieira para a reunião de

cúpula de países árabes da região do Golfo, amanhã, em Cairo, no Egito. A decisão foi tomada nas últimas horas. Na quarta-feira, após participar de audiência no Senado, o ministro das Relações Exteriores afirmou que não poderia ir ao encontro, pois se dedicaria às articulações no Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) na tentativa de fechar um acordo para a ajuda humanitária a Gaza.

Vieira embarca ainda hoje de Nova York para o Cairo. A cúpula tratará da crise humanitária enfrentada pelos palestinos sitiados. O Brasil foi o único país das Américas convidado pelo Egito para o encontro. A ida do chanceler confere prestígio ao fórum árabe e confirma a confiança dos países do Oriente Médio na capacidade de interlocução brasileira.

Para o governo brasileiro, o encontro pode ser mais uma oportunidade para negociar com o governo egípcio a liberação da fronteira para os cerca de 30 brasileiros que solicitaram resgate

para serem repatriados. Eles permanecem retidos em Gaza e aguardam a abertura da fronteira pelo Egito — que já concordou em facilitar a extradição.

**Repatriação**

Com o pouso no Rio de Janeiro, na madrugada de ontem, do sexto voo da operação de repatriação que estavam na zona de conflito, o governo contabiliza 1.135 nacionais transportados pelos aviões da Força Aérea Brasileira (FAB). Estão previstos mais dois voos de Tel Aviv para o Brasil — um saindo hoje e outro amanhã, o que deve encerrar a operação de resgate.

A última operação será a do Egito. Segundo o Itamaraty, os veículos contratados pelo governo para o transporte dos brasileiros em Gaza seguem em prontidão, aguardando a abertura da passagem de Rafah. A aeronave utilizada pela Presidência da República continua no Cairo à espera do grupo.

# Antissemitismo dispara nas redes

» JULIANNA VALENÇA  
Especial para o *Correio*

A Federação Israelita do Estado do Rio de Janeiro (Fierj) registrou 87 relatos de crime de racismo e xenofobia contra a comunidade judaica entre os dias 7 e 18 de outubro. Segundo a organização, as manifestações antissemitas passaram a ocorrer com maior intensidade depois que os terroristas do grupo fundamentalista islâmico Hamas atacou Israel, em 7 de outubro.

Os relatos chegam por meio do canal de denúncias do Departamento de Segurança da entidade e se referem, em sua maioria, a crimes cibernéticos. Antes do mês de outubro, a média de casos de antissemitismo reportados à Fierj era de 3,5 por mês.

Na segunda-feira, um dia após a passeata a favor de Israel, realizada em Copacabana, no Rio, foi encontrado, na Praça Nossa Senhora da Paz, em Ipanema, um cartaz com os dizeres “judeu câncer do mundo”. A Subprefeitura da Zona Sul da capital fluminense condenou a prática de racismo religioso e afirmou que foi até o local para a retirada do impresso. A administração caracterizou a prática como “falta de bom senso e de respeito” e busca, nas imagens das câmeras de segurança próximas, identificar e punir os responsáveis.

As ofensas contra judeus caracterizam crime de racismo,

Fernando Frazão/Agência Brasil



Passeata da comunidade judaica, no domingo, no Rio de Janeiro

segundo a Lei 7.716/89 — “praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional”. Crimes que envolvam símbolos ligados ao nazismo têm pena agravada e podem chegar a até cinco anos de prisão.

Ricardo Berkiensztat, presidente executivo da Federação Israelita do Estado de São Paulo, afirma que as demonstrações

de antissemitismo se tornaram frequentes. A entidade também tem recebido relatos de ataques de intolerância religiosa nas redes sociais.

“Recebemos denúncias muito fortes de ataques nas mídias sociais, como em comentários de publicações. Temos levado isso às autoridades públicas por meio dos nossos advogados”, destaca. Ainda segundo Berkiensztat,

os casos de racismo contra judeus ficaram mais intensos nos últimos anos. Agora, a comunidade teme que se agrave por conta do conflito entre Israel e o Hamas. “Com a guerra, vemos aflorar o antissemitismo adormecido. Nas redes, pessoas publicam coisas do tipo: (Adolf) Hitler falhou. Isso é preocupante para nós”, lamentou.

**Holocausto**

Na II Guerra Mundial, o regime nazista assassinou cerca de 6 milhões de judeus em campos de concentração espalhados pela Europa. Os centros da morte eram administrados pelas tropas regulares das SS — milícia paramilitar ligada ao regime hitlerista chefiada por Heinrich Himmler —, que contaram com soldados de várias nacionalidades, como húngaros, ucranianos, bielorrussos, croatas e cidadãos dos países bálticos.

A decisão pelo extermínio de judeus — chamada de “solução final” — foi tomada na Conferência de Wannsee, localidade anexa a Berlim, em 20 de janeiro de 1942. Da reunião participaram, entre outros, Adolf Eichmann (preso na Argentina para julgamento em Israel, e morto em 1962) e Reinhard Heydrich (que se tornou, com a guerra, governador da então Tchecoslováquia, sendo assassinado pela resistência em junho 1942).

**NAS ENTRELINHAS**

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br

Maurenilson Freire/CB/D.A Press



## Não é só o Hamas. Biden, Netanyahu e Putin são senhores da guerra

O jornalista Henry Foy, correspondente do *Financial Times* em Bruxelas, instiga a reflexão sobre a nova conjuntura internacional a partir da guerra de Gaza, que o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu disse, ontem, que será de longa duração. Ou seja, não deve se encerrar enquanto Israel não invadir a Faixa, eliminar o Hamas e restabelecer seu controle sobre toda a região, a exemplo do que já ocorre na Cisjordânia — apesar da existência de uma enfraquecida Autoridade Palestina.

Segundo Foy, o apoio incondicional do Ocidente, especialmente Estados Unidos, Reino Unido e União Europeia, a Israel envenenou os esforços para isolar a Rússia e obter apoio dos países em desenvolvimento em favor da Ucrânia. A reação implacável dos israelenses ao ataque terrorista do Hamas, em 7 de setembro, desconstruiu a narrativa do Ocidente em relação às violações de direitos humanos cometidas pela Rússia em Donetsk e outras regiões ocupadas por suas tropas.

“Na enxurrada de visitas diplomáticas de emergência, videoconferências e chamadas, os funcionários ocidentais foram acusados de não defender os interesses de 2,3 milhões de palestinos na sua pressa de condenar o ataque do Hamas e apoiar Israel”, destacou o analista do *Financial Times*. Isso teria corroido esforços diplomáticos para que a Índia, o Brasil e a África do Sul enduressem o discurso contra o líder russo Vladimir Putin, com base na necessidade de defender uma ordem global em que as regras do direito internacional fossem respeitadas.

A apesar da generalizada condenação ao ataque de surpresa do Hamas, principalmente à morte e sequestro de civis, a crise humanitária na Faixa de Gaza solidificou posições enraizadas no mundo em desenvolvimento quanto ao conflito israelense-palestino. A maioria desses países apoia a posição oficial da ONU, favorável à criação do Estado da Palestina independente de Israel. “Todo o trabalho que fizemos com o Sul Global [sobre a Ucrânia] foi perdido. Esqueça sobre regras, esqueça a ordem mundial. Eles nunca vão nos ouvir novamente”, lamentava um diplomata do G7 ao jornalista britânico. O Grupo dos Sete é formado por Alemanha, Canadá, Estados Unidos, França, Itália, Japão e Reino Unido, com a União Europeia de observadora.

A maioria dos países em desenvolvimento sempre apoiou a causa palestina pelo prisma da autodeterminação e vê com desconfiança o domínio global dos EUA, o aliado principal de Israel. Os países árabes, inclusive aqueles que têm boas relações com o Washington e Tel Aviv, acumulam ressentimentos. Não são apenas os decorrentes da antiga ordem colonial, nem fruto de intervenções mal-sucedidas no Iraque, na Síria e na Líbia. Nesse caso de Gaza, estão diretamente ligados ao tratamento dado pelas potências ocidentais ao povo palestino.

**CRISE EM GAZA  
SOLIDIFICOU POSIÇÕES  
ENRAIZADAS  
NO MUNDO EM  
DESENVOLVIMENTO  
QUANTO AO CONFLITO  
ISRAELENSE-PALESTINO**

**Direitos humanos**

Ao contrário, Rússia e China cultivam laços históricos com os palestinos. O presidente da Rússia, Vladimir Putin, na terça-feira, durante a reunião com o líder chinês Xi Jinping, em Pequim, agarrou com as duas mãos a oportunidade de questionar o presidente dos EUA, Joe Biden, que adota dois pesos e duas medidas em relação à Ucrânia e à Faixa de Gaza. “O que dissemos sobre a Ucrânia deve se aplicar a Gaza. Caso contrário, perdemos toda a nossa credibilidade”, lamentou o diplomata do G7, segundo o jornalista do *Financial Times*.

Há pouco mais de um mês, na reunião do G20, em Nova Délhi, Biden e outros líderes ocidentais conclamaram os países em desenvolvimento a condenar os ataques da Rússia a civis ucranianos, respeitar a Carta da ONU e o direito internacional. Desde o último domingo, porém, endossam incondicionalmente as ações de Israel na Faixa de Gaza, onde os civis estão sem água, eletricidade, gás de cozinha, comida e remédios.

A ordem global pós II Guerra Mundial não funciona para o mundo árabe, inclusive para a Jordânia e o Egito, que mantêm relações com Israel. Na União Europeia, o incomodo também começa a crescer, sobretudo depois de a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, viajar para Israel sem um mandato dos 27 estados-membros do bloco e não tratar da questão humanitária. Dublin, Madri e Luxemburgo queixaram-se de seu discurso em Tel Aviv.

Preocupada, a França começou a se movimentar em parceria com o Brasil, que protagoniza os esforços humanitários na presidência do Conselho de Segurança da ONU. Teme que a Rússia não esteja mais interessada em conter seus aliados na região, sobretudo o Irã. A crise de Gaza ofusca a guerra da Ucrânia e desloca recursos dos EUA para Israel, além de neutralizar a narrativa em relação às violações de direitos humanos pelo Exército russo.

Putin e Netanyahu já eram notórios senhores da guerra, mas Biden não tinha essa imagem, graças à retórica em defesa dos direitos humanos. Agora passou a ter.